

Futuro incerto da economia afeta bolsas

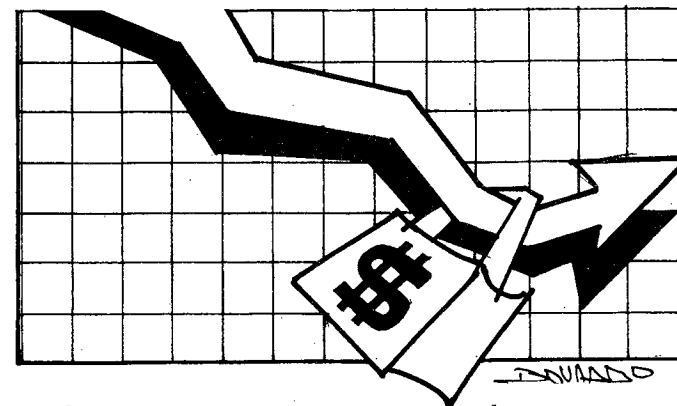
Rio — Pior do que está não pode ficar. Em síntese, esta é a avaliação de alguns analistas de mercado, que não se surpreenderam com a recessão do País. Segundo eles, as bolsas de valores já perderam muito ao longo do ano, apesar de terem demonstrado, em determinado momento, sinais de força: "A recessão em si não afetará drasticamente o mercado, que já está muito fraco. As indecisões quanto ao futuro político e econômico do País é que causa maior impacto", avaliou o diretor interino da área de bolsa da Corretora City, Fernando Buarque.

De acordo com ele, embora o Governo tenha acenado para um quadro melhor, no início do ano, o próprio mercado antecipou, de certa forma, a situação atual, uma vez que, em forma de resposta às práticas econômicas, se concentrou em determinados papéis. Sobre tudo, os de primeira linha. Dentro deste raciocínio, lembrou, as ações de segunda linha não registraram expressivas valorizações no período.

Ontem, em mais um dia de profundo desânimo, as bolsas de valores voltaram a apresentar queda nos índices de valorização e volumes de negócios. Marcado por operações profissionalizadas, co-

mo day-trade, o IBV, depois de apresentado queda de quatro por cento, no meio da tarde, conseguiu reagir um pouco, fechando com baixa de 2,4 por cento, nos 91.078 pontos. Em São Paulo, o Ibovespa encerrou o pregão com 25.781 pontos, caindo 3,49 por cento. No pregão nacional o SENN totalizou 956 pontos, com desvalorização de 4,4 por cento.

CDBs — Os juros tiveram novo dia de alta, prosseguindo a trajetória traçada desde o início do mês. Os bancos remuneravam aplicações de 30 dias de prazo em Certificados de Depósito Bancário (CDBs) com taxa de mil 235 por cento ao ano ou 24,11 por cento efetivos ao mês no período. Tal patamar equipara-se a uma aplicação no **overnight** (restrito às instituições financeiras desde fevereiro último) com juros nominais de 29,59 por cento ao mês.



O processo de elevação motivado pela mididesvalorização do cruzeiro no último dia 30, em torno de 15 por cento, ganhou força maior a partir de terça-feira, quando o Banco Central vendeu títulos de emissão primária com rentabilidade de até 27,95 por cento nominais ao mês. A alta dos CDBs foi 15 pontos percentuais na taxa anual, que no dia anterior foi de mil 220 por cento ao ano para o mesmo prazo de aplicação, em 22 dias úteis.

Dólar — O preço do dólar no mercado paralelo reagiu ontem, apesar de a demanda continuar retraída. A moeda fechou a Cr\$ 610 para compra e Cr\$

625 para venda, com alta de 1,63 por cento em relação à véspera. Os doleiros começaram a puxar as cotações para atrair compradores, mais entusiasmados pelos juros altos no mercado de renda-fixa. Se a procura aumentar a partir de hoje, analistas acreditam que o black volte a subir.

O ágio subiu, acompanhando os preços do paralelo, ficando em 11,88 por cento. Este patamar ainda é considerado seguro pelo Banco Central, que está operando no mercado do ouro para evitar que a diferença entre os mercados paralelo e do dólar comercial se acentue.

O ouro apresentou valorização de 1,39 por cento, acompanhando a alta dos contratos para dezembro na **Commodity Exchange** (Comex), parâmetro para realização de operações de arbitragem (venda de ouro para os mercados externos). O grama estava sendo negociado por Cr\$ 7.055, quando a cotação em Nova Iorque subiu, levando o metal ao preço máximo de Cr\$ 7.095. No fechamento, o grama foi cotado a Cr\$ 7.094. O fato é que a valorização no mercado externo fez com que os investidores aumentassem a pressão de compra.